



Banco de fotos do Grupo de Pesquisa LEIA

#SOMOSTODOS BIBLIOTECAESCOLAR

Org. Eliane Lourdes da Silva Moro, Iole Costa Terso
e Maria Marta Sienna



Sistema CFB / CRB
Conselho Federal de Biblioteconomia
Conselhos Regionais de Biblioteconomia

#somostodosbibliotecaescolar
(Somos Todos Biblioteca Escolar)



Sistema CFB / CRB

Conselho Federal de Biblioteconomia
Conselhos Regionais de Biblioteconomia

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA 18ª GESTÃO - CFB (2019-2021)

Conselheiros

Alessandra Atti – CRB-8/6568
Antônio Afonso Pereira Júnior – CRB-6/2637
Cristian Brayner – CRB-1/1812
Dalgiza Andrade Oliveira – CRB-6/1577
Eliane Lourdes da Silva Moro – CRB-10/881
Iole Costa Terso – CRB-5/1329
Leonardo de Oliveira Cavalcante – CRB-15/662
Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda – CRB-7/4166
Maria da Glória Serra Pinto de Alencar
– CRB-13/267
Maria das Mercês Apóstolo – CRB-8/5660
Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque – CRB-15/001
Maria Marta Sienna – CRB-9/759
Patrícia Verônica Nascimento Dias Fernandes – CRB-5/1353
Regina Lucia Freitas Holanda – CRB-3/808
Telma Socorro Silva Sobrinho – CRB-2/668

Diretoria

Presidente: Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda – CRB-7/4166
Vice-Presidente: Dalgiza Andrade Oliveria – CRB-6/1577
Diretor Administrativo: Leonardo de Oliveira Cavalcante – CRB-15/662
Diretora Técnica: Eliane Lourdes da Silva Moro – CRB-10/881
Diretora Financeira: Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque – CRB-15/001

Comissão de Bibliotecas Escolares e Públicas (CBEP)

Eliane Lourdes da Silva Moro - CRB-10/881 (Coordenadora)
Iole Terso - CRB-5/1329
Maria Marta Sienna - CRB-9/759

Funcionários

Ailton Moreira da Rocha – Auxiliar Administrativo
Leonardo Pimentel Bueno – Assessor Jurídico
Neracy Fernandes – Auxiliar Serviços Gerais
Roberto Barros Cardoso – Gerente Executivo
Tatiana Paula Martins – Assistente Administrativa

somostodosbibliotecaescolar (Somos Todos Biblioteca Escolar)

Organizadoras
Eliane Lourdes da Silva Moro
Iole Costa Terso
Maria Marta Sienna



Sistema CFB / CRB
Conselho Federal de Biblioteconomia
Conselhos Regionais de Biblioteconomia

Brasília, DF
2021

Copyright ©2021 – Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB)

Permitida a reprodução sem fins lucrativos, parcial ou total,
por qualquer meio, desde que citada a fonte.

Disponível também no endereço eletrônico:
www.cfb.org.br

Tiragem: 2000 exemplares

Impresso no Brasil

Produção Gráfica e Impressão: Evangraf

Revisão: Eliane Lourdes da Silva Moro

Dados internacionais de catalogação na publicação

S697 #somostodosbibliotecaescolar, ou, (Somos todos biblioteca escolar) / organização de Eliane Lourdes da Silva Moro, Iole Costa Terso e Maria Marta Sienna. - Brasília, DF: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2021.

182 p. : il.; 16 cm
ISBN 978-85-62568-09-1

1. Bibliotecas escolares. I. Moro, Eliane Lourdes da Silva. II. Terso, Iole Costa. III. Sienna, Maria Marta. IV. Conselho Federal de Biblioteconomia. V. Título.

CDD (23ªed.)
027.8

Bibliotecária Resp.: Maria Marta Sienna CRB-9/759



11

Práticas de Mediação de Leitura no Contexto da Biblioteca Escolar: desafios e pressupostos

GABRIELA FERNANDA CÉ LUFT

LIZANDRA BRASIL ESTABEL

CRB10/1405

1 Considerações iniciais

Do mesmo modo que uma biblioteca não é um depósito silencioso de livros, ler não é uma atividade passiva e estática, mas dinâmica.

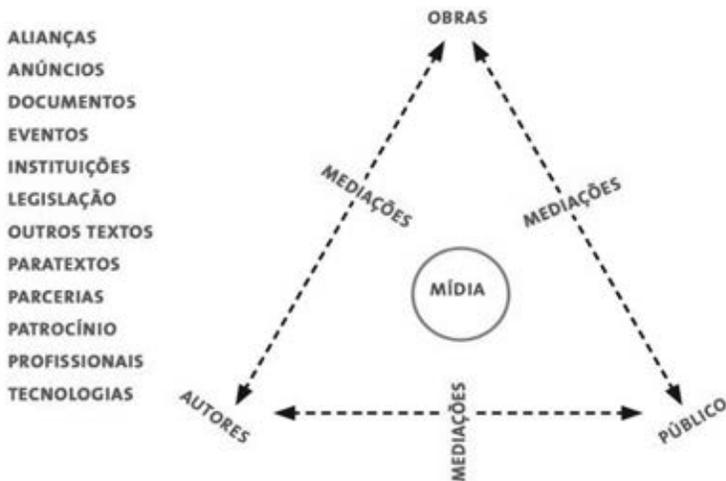
A leitura possibilita o cruzamento de dois mundos – o autor dialogando com seu leitor –, o que nos permite entrarmos em contato com outros pontos de vista. Estamos, portanto, diante de um processo, sobretudo, civilizador.

Para a configuração plena de um sistema articulado, portanto, a literatura depende da existência do “triângulo ‘autor-obra-público’, em interação dinâmica”. (CANDIDO, 2007, p. 17-18). Mas, entre cada um dos vértices desse triângulo, figuram incontáveis intermediários. No eixo autores-obras, por exemplo, temos a ação de editores, que selecionam os originais para edição, os revisores textuais e, no caso de *e-books*, diagramadores; já no eixo obras-públicos, há a ação de amigos, professores e anúncios midiáticos, entre outros; por sua vez, o

eixo autores-públicos conta com entrevistas na mídia e eventos literários. (LAJOLO, 2016).

A Figura 1 traduz parte das infinitas possibilidades advindas dessas relações:

Figura 1 – Possibilidades de mediações no sistema literário



Fonte: LAJOLO, 2016

Quando falamos sobre leitura, no entanto, ganha destaque um dos lados do triângulo: o que simboliza a inter-relação entre públicos e obras. Conforme Lajolo (2016, p. 124), “é neste eixo de interação que se incluem como intermediários os hoje tão mencionados mediadores de leitura”.

A figura do mediador é a responsável pelo estabelecimento de uma “ponte” entre livro e leitor, ou seja, por criar as condições para que haja esse encontro – o qual, obviamente, não segue uma única rota nem uma metodologia específica. Nos anos iniciais de nossas vidas, a tarefa de mediação é cumprida, via de regra, por mães, pais, avós, avôs e educadores da primeira infância. À medida que nos aproximamos da língua escrita, somam-se professores, bibliotecários, livreiros e outros profissionais.

Para Reyes (2010), não há um “manual de funções” capaz de dar conta do trabalho desempenhado por um mediador de leitura. Leitor sensível e perspicaz, seu principal ofício é ler de muitas formas possíveis, em primeiro lugar para si mesmo; posteriormente, cria rituais, momentos e atmosferas propícios para facilitar os encontros entre livros e leitores. Por vezes, pode realizar, por exemplo, a conhecida “hora do conto” e ler em voz alta uma ou várias histórias a determinado grupo; em outras oportunidades, pode propiciar leituras íntimas e solitárias ou, ainda, encontros em pequenos grupos. Em certas ocasiões, conversa ou recomenda algum livro; em outras, permanece em silêncio ou se oculta para deixar que livro e leitor conversem. Reyes (2010) bem traduz essa nobre função, ao afirmar que, além de livros, um mediador de leitura lê seus leitores: quem são, o que sonham e o que temem, e quais são os livros que podem criar pontes com suas perguntas, com seus momentos vitais e suas necessidades de construir sentidos.

2 Mediadores, bibliotecas e escola: de quando os números revelam desafios

No entanto, a despeito da louvável atuação de mediadores e por mais que tenhamos garantido avanços nos últimos trinta anos, como a redução do número de analfabetos, ainda carecemos de leitores. Além disso, resultados divulgados por diferentes instrumentos de avaliação, nacionais e estrangeiros, têm atestado o despreparo de nossos alunos quanto às capacidades leitoras. A 4ª edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada por iniciativa do Instituto Pró-Livro e publicada em 2016, revela que o brasileiro lê, por ano, 2,43 livros inteiros e 2,53 livros em partes, em média.

Mas o que nos interessa, neste texto, é nos debruçarmos sobre os números da pesquisa referentes à atuação do que convencionalmente chamamos de mediadores – os quais podem ser representados, como já vimos, por diferentes pessoas e/ou profissionais. Em relação à mediação de leitura, alguns resultados, à primeira vista, geram estranha-

mento, pois parecem contradizer a importância da atuação de mediadores para a formação de leitores: foi elevada a proporção de leitores que não reconheceram quem influenciou seu gosto ou interesse pela leitura. Conforme Failla (2016, p. 24-25), os números causaram estranheza, pois não refletem “[...] o que dizem vários estudos sobre a importância da mediação na formação de novos leitores”. Atentem para o percentual de leitores, na Figura 2, que indicou “não / ninguém em especial” quando questionados acerca das pessoas que os influenciaram a desenvolver o gosto pela leitura:

Figura 2 – Pessoas que influenciaram o gosto pela leitura: por faixa etária

2015 (%)	TOTAL	FAIXA ETÁRIA									
		5 a 10	11 a 13	14 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 69	70 e mais	
Base: Amostra	5012	458	242	426	605	433	836	694	1073	246	
Mãe ou responsável do sexo feminino	11	23	22	20	15	9	8	6	4	2	
Algum professor ou professora	7	11	12	9	9	9	7	6	5	3	
Pai ou responsável do sexo masculino	4	5	7	6	5	3	5	5	3	3	
Algum outro parente	4	7	6	5	4	4	4	5	3	3	
Outra pessoa	4	3	5	5	6	4	3	4	3	2	
Marido, esposa ou companheiro(a)	1	0	0	0	0	1	2	2	1	0	
Padre, pastor ou algum líder religioso	1	0	0	0	0	1	1	1	1	2	
Não / Ninguém em especial	67	50	47	55	61	67	70	72	80	84	

Fonte: FAILLA, 2016

No entanto, não há dúvidas de que a mediação, quando promovida pela família, pelo professor, pelo bibliotecário ou outro agente leitor, é poderosa no despertar do interesse pela leitura. Segundo a autora,

Os dados da pesquisa não questionam essa verdade, mas sim apontam para o número de brasileiros que não tiveram a oportunidade de encontrar alguém – na sua escola, na sua família e até na biblioteca que algum dia frequentou – que lhe oferecesse um livro; que convidasse para uma roda de leitura; que lesse para ele; que o presenteasse com livros; ou, ainda, que perguntasse o que achou de um livro que indicou para ler. (FAILLA, 2016, p. 25).

Além disso, a interpretação dos números da pesquisa é mais importante, às vezes, por aquilo que não expõe de maneira explícita. No caso em questão, percebemos que a mediação é mais reconhecida na faixa etária entre 11 e 13 anos, a que menos assinalou a opção “não / ninguém em especial”. Trata-se de adolescentes que, em sua grande maioria, estão em ambiente escolar e, portanto, mantém contato com bibliotecas escolares. Outra informação que chama a atenção é que a influência da família, em especial da mãe, é mais percebida do que a influência do professor – o que pode nos revelar outro foco para esse “retrato”, conforme Failla (2016, p. 25-26):

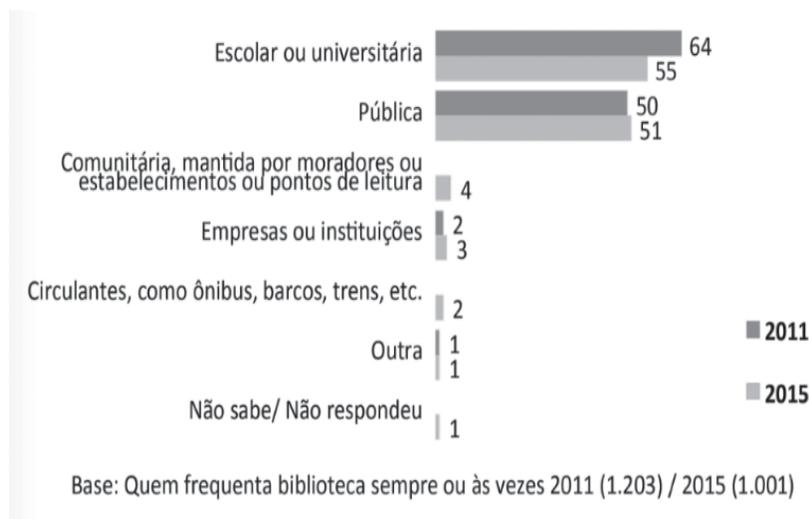
[...] as **pessoas reconhecem melhor o que fica na memória afetiva**. É possível que um professor ou bibliotecário tenham tido papel muito importante na formação de algum desses leitores, mas, por algum motivo que merece ser mais bem investigado – pois pode estar no dizendo como deve ser essa mediação –, a pessoa influenciada não identificou isso. Talvez esses inquietantes números queiram dizer que, para que a mediação e a promoção da leitura aconteçam de forma efetiva, elas devem se “percebidas”. Podem também estar propondo o seguinte questionamento: **como despertar prazer sem emoção, sem afetividade e sem troca?** (Grifo nosso).

Como já ressaltamos, o desenvolvimento do gosto pela leitura é uma construção que parte da infância, muito influenciada por mães e pais, especialmente pelo exemplo, quando leem na frente dos filhos. Ainda de acordo com Failla, “a importância da mediação é confirmada quando se comparam respostas de leitores e não leitores: 83% dos **não** leitores não receberam a influência de ninguém, enquanto 55% dos leitores tiveram experiências com a leitura na infância pela mediação de outras pessoas – especialmente mãe e professor”. (FAILLA, 2016, p. 35). (Grifo nosso).

Voltemos nosso foco, agora, para as bibliotecas. A despeito de 55% dos entrevistados informarem que sabem da existência de uma biblioteca em sua cidade ou bairro, 66% não frequentam bibliotecas e

14% frequentam raramente. Apenas 5% da população frequenta sempre; 15%, às vezes. A biblioteca mais frequentada por quem assinalou “sempre” ou “às vezes” é a escolar, com 55% dos entrevistados, seguida pela pública, que responde por 51%, conforme podemos perceber na Figura 3:

Figura 3 – Que tipo de biblioteca você frequenta?



Fonte: FAILLA, 2016

Chama atenção e nos causa apreensão o fato de que, se em 2011 a biblioteca escolar e ou universitária eram os tipos mais frequentados por 64% dos entrevistados, esse número caiu nove pontos percentuais na edição seguinte da pesquisa, realizada quatro anos depois. Como pesquisadores, é inevitável que nos perguntemos: o que aconteceu de lá para cá? Quais fatores podem ter contribuído para esse declínio?

Sigamos com os números: para 71% dos brasileiros, a biblioteca é um espaço para estudo. Ela está, portanto, fortemente associada a um local para estudantes, apesar de 29% também considerarem que ela é um local para empréstimo de livros. Segundo Failla (2016, p. 40) “essa representação pode explicar por que o usuário da biblioteca é principalmente o estudante (90% dos *não estudantes* não frequentam

ou frequentam raramente)”. A percepção aponta para a “necessidade urgente de se rever modelos de bibliotecas ou de atendimento aos usuários nas bibliotecas, que, muitas vezes, são a única fonte de cultura existente em municípios brasileiros”. (FAILLA, 2016, p. 40). Nesse sentido, nossas ações precisam se voltar especialmente para os não usuários, a fim de que a biblioteca seja reconhecida como um espaço para toda a comunidade e não apenas para os estudantes.

Apontamos para aspectos envolvendo mediadores e bibliotecas, mas não podemos ignorar outra problemática, relacionada ao fato de que a escola ainda não age eficientemente em relação à formação de leitores:

[...] é a partir da escola que os brasileiros entram em contato com o processo da leitura e, por meio dela, acessam os livros, independentemente de sua classe social. [...] É na escola que se lê mais, os jovens leem mais e é na infância que se forma o leitor. Entretanto, depois da escola, o brasileiro lê menos. **A escola não está formando o leitor**, mas dando acesso à leitura. (LÁZARO; BEAUCHAMP, 2008, p. 74). (Grifo nosso).

Mesmo que reconheçamos, por um lado, a centralidade da escola na formação educacional dos sujeitos, as disponibilidades curriculares e as metodologias impostas em sala de aula parecem influir diretamente no afastamento gradativo dos sujeitos em relação aos livros. Embora os mais jovens leiam mais “livros em geral” do que o restante da população, a presença da obrigatoriedade parece ser prática constante. Se avaliarmos a motivação para a leitura, percebemos que ainda não foram seduzidos para essa prática: a maioria dos jovens informa que lê por obrigação, enquanto uma minoria informa que o faz por prazer. O resultado está, ao que parece, situado em um espaço no qual a leitura, como encaminhada na escola, perde atração, tornando-se uma atividade que o sujeito encerra quando muda sua vida, quando sai da sala de aula:

Tanto a criança quanto o jovem gostam de ler. É comum vermos crianças absortas na leitura de revistas, por exemplo.

Portanto, gostam de ler. O problema está em que são obrigadas a ler, especialmente nas escolas. É lá que elas não gostam de ler. Leem, como informam na pesquisa, por obrigação. Mas leem enquanto são estudantes. O problema é **cativá-las para serem leitoras por prazer** e após deixarem de ser estudantes. (FAILLA, 2008, p. 104-105). (Grifo nosso).

Isso significa que grande parte dos alunos têm concluído o ensino médio sem terem sido cativados para o ato de ler, seja de textos literários, seja de textos não literários. Assim, podemos afirmar, de uma forma geral, que a escola não tem alcançado plenamente os objetivos essenciais a que se propõem – a formação de leitores competentes de textos literários ou não literários, e a consolidação de ações leitoras –, o que aponta para a necessidade de revisão das práticas de fomento à leitura.

O leitor deve estar se perguntando acerca do porquê do levantamento dessas questões, que problematizam a atuação de mediadores, o alcance das bibliotecas e a ineficiência da escola em relação à formação de leitores. Talvez Candido (2004), mais uma vez, possa sintetizar o nosso desejo: sendo a literatura um dos direitos humanos, nos cabe oferecê-la a muita gente. Daí a importância dos mediadores e das bibliotecas.

3 A leitura literária na perspectiva do novo leitor e a configuração de centros culturais multimídiais

A biblioteca escolar é o local por excelência para se apresentar a leitura como uma atividade natural e prazerosa, posto que, para muitas crianças e jovens, configura-se como a única oportunidade de acesso aos livros que não são didáticos. Segundo Estabel e Moro (2014, p. 65)

A biblioteca escolar deve ser o centro de energia, força, alma, calor, vida, movimento, alegria, entusiasmo, animação, construção, cooperação, integração, estímulo, recreação, ludismo e prazer, mexendo com a fantasia, a emoção, a linguagem,

o pensamento, os desafios, a criatividade para todos que a frequentam. O ambiente da biblioteca escolar deve ser propício para as atividades de leitura envolvendo os bibliotecários, técnicos em biblioteconomia, professores, alunos, funcionários, pais e a comunidade escolar em um espaço interativo de compartilhamento e de trocas.

Entretanto, de encontro a um quadro literário tão rico, portador de significativas produções, para muitos brasileiros o acesso ao livro é dificultado por uma conjunção de fatores sociais, econômicos e políticos. Raras são as bibliotecas escolares que dispõem de um acervo adequado, diversificado e/ou de profissionais aptos a orientar o público. Ainda mais raras são as bibliotecas domésticas. Agrava essa situação o fato de muitos bibliotecários ou profissionais que atuam em bibliotecas, além de professores, não serem leitores.

O ideal seria que o bibliotecário, que, entre outras, acumula também a função de disseminador da leitura, na ocasião de montar ou atualizar seu acervo de obras literárias, realizasse uma seleção capaz de propiciar a crianças e jovens textos de qualidade e questionadores, conquanto lúdicos. Visitas às livrarias (preferencialmente as de bairros, para aqueles que moram em grandes centros), participação nas reuniões pedagógicas reforçando a ideia da necessidade de melhorar o acervo e contatos com a comunidade apontando a biblioteca como centro cultural e não como armazenadora de livros, são algumas atitudes que poderão garantir um aumento quanti e qualitativo da literatura infantil e juvenil. Nesse sentido, vale lembrar que, de acordo com Soares (1999, p. 21), não há como evitar que a literatura infantojuvenil, “ao se tornar saber escolar, se escolarize, e não se pode atribuir, em tese, conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária; não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola”.

Por parte da crítica, o ideal seria uma publicação regular com resenhas da produção considerada digna de ocupar a atenção do público – um espaço semanal em jornais de grande circulação, um folheto

mensal de uma instituição especializada, hoje necessariamente disponível na internet –, que, entre seus fins, tivesse a prestação de serviços informativos a pais e professores.

Da mesma forma, é de extrema importância que educadores discutam o que é leitura, a importância do livro no processo de formação do leitor e o trabalho com a literatura infantojuvenil como processo imprescindível para o desenvolvimento de um cidadão crítico. Além disso, o educador deve saber o quanto são importantes sua prática e ação em sala de aula e que sua mediação motivará ou não o aluno à prática da leitura. Segundo Zilberman (2003, p. 28), “ao professor cabe o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais [...] em razão de sua percepção singular do universo representado”.

Contudo, o novo leitor, revelado pela perspectiva do século XXI, além de ter acesso às obras clássicas, contemporâneas e expressivas do segmento, demanda também a configuração e a consolidação de centros culturais multimídiais. Atualmente, ao lado do livro e da revista, devem ser incluídos outros suportes de leitura, tais como o *smartphone*, o *tablet*, o computador, o *e-book*, entre outros, de forma que o leitor possa adotar uma abordagem hipertextual no ato de ler, por meio de uma perspectiva crítica e cidadã. Mais do que isso: espera-se que o novo leitor desenvolva uma cultura da leitura.

Para que se efetive a cultura da leitura, a biblioteca escolar deve ser o ambiente de encontros e (re)encontros das pessoas, do livro, do leitor e das mídias (inter)relacionados, para que se efetive a promoção da leitura atendendo a toda a comunidade. A realização de atividades de contação de histórias, hora da leitura, encontros com escritores e ilustradores, palestras, exposições, feiras do livro, feiras de histórias, entre outras, transformam o ambiente da biblioteca escolar em um espaço lúdico, agradável e de formação de leitores. Em muitas situações, as ações da biblioteca escolar estão voltadas apenas ao público infantojuvenil (tema deste capítulo), mas a escola atende também a educação de jovens e adultos, e a biblioteca escolar a toda a comunidade – interna e externa à escola. Portanto, é de grande significado

que o acervo, o ambiente da biblioteca escolar, as ações de promoção da leitura e de atendimento ao público contemplem a diversidade do público, desde a criança ao idoso.

É preciso (re)pensar a biblioteca escolar para que seja efetivamente um centro de cultura multimídia, que inclua todas as pessoas, sem exceção, atendendo a toda a diversidade e que, além de promover a leitura, esteja atenta para as múltiplas linguagens que nos cercam.

Além disso, não basta ser bibliotecário, professor ou lidar com crianças e jovens para saber o que é bom em literatura infantil e juvenil. É preciso ser leitor, conhecer o que é disponibilizado em bibliotecas bem aparelhadas como centros culturais multimídia de promoção da leitura, acompanhar a produção recente disponibilizada no mercado editorial por intermédio das livrarias, conhecer, de fato, o traço do infantil e ter alguma informação básica sobre a própria literatura, com as especificações relativas àqueles leitores. Ler ou não ler – eis a questão. Se os professores, educadores, animadores culturais e bibliotecários pretendem assumir a posição de agentes disseminadores da leitura, precisam gostar de ler e têm de ler, para, daí sim, terem condições de incentivar a leitura. Como forma de fomentar tal prática, propomos distintas metodologias para a abordagem do texto literário, em que a figura do mediador como impulsionador do diálogo entre o autor e o leitor através do texto é fundamental. Para tanto, sugerimos a aplicação do que denominaremos, a partir deste momento, de práticas leitoras multimídia, as quais priorizam a interdisciplinaridade e a intertextualidade, aliadas às novas tecnologias de suporte textual, para reconstituir a leitura como um ato criativo, participativo e, essencialmente, dialógico.

4 Da necessidade da pré-leitura

Para formar um leitor crítico e sensível, capaz de compreender e interpretar aquilo que lê, de construir significados e transformá-los em palavras, exige-se do mediador de leitura uma intervenção adequada,

contínua e explícita, que precisa ocorrer de forma consciente e sistemática antes, durante e depois das atividades de leitura. O diálogo entre o mediador e o aluno-leitor não deve ser baseado na transmissão de respostas prontas, pelo contrário: deve possibilitar a mobilização do sujeito mediado de forma que ele tenha condições de buscar suas próprias respostas e construir os seus próprios significados para o que está lendo.

O trabalho com a pré-leitura permite que se resgatem as informações do mundo exterior ao texto, recurso pelo qual o conhecimento prévio do aluno-leitor é trazido à tona. Ao colocarmos em prática essa estratégia, descobrimos o quanto ele sabe ou o quanto não sabe a respeito dos assuntos que serão desenvolvidos durante a realização da prática leitora. Entretanto, o que temos observado a respeito da leitura é que muitas vezes o bibliotecário ou o professor centram a atenção na escolha do objeto – o texto, o livro – e esquecem o sujeito – o aluno leitor. Primeiramente, eles selecionam o material, e só depois decidem o que fazer. Entretanto, no processo de mediação o bibliotecário e o professor precisam ter clareza dos motivos que o levaram a escolher determinada obra, não outra, e ter consciência de que todas as atividades dependerão de seu propósito inicial.

5 Dos princípios para a elaboração de práticas leitoras multimídiais

A elaboração, ou seja, o roteiro das práticas leitoras deve prever os seguintes aspectos: delimitação dos objetivos da atividade, justificativa da escolha do tema e sua posterior abordagem, indicação do tempo necessário para sua execução, especificação e detalhamento das etapas de desenvolvimento e material a ser utilizado. Devem ser seguidas, também, algumas premissas:

a) O bibliotecário e o professor devem ser leitores: nada mais falso do que obrigar o aluno a ler e serem, o bibliotecário e o professor, sujeitos pouco afeitos à leitura. Todos têm, por certo, alguma expe-

riência nesse campo: ao recomendar ou ao estudar um livro já lido, sobre o qual tenham uma noção adequada e informada, bibliotecário e professor têm sucesso; caso contrário, o resultado é ou muito difícil, ou nulo. Mais que por palavras, tais profissionais devem dar o exemplo vivo da validade de ler por meio de sua atuação cotidiana. Devem ser frequentadores assíduos de bibliotecas, devem ser estimuladores da leitura, devem ser mediadores entre o aluno e a literatura.

b) A escolha do *corpus* – no caso, uma obra literária: tudo depende do público-alvo. Deseja-se trabalhar com alunos de educação infantil? Com as séries iniciais do ensino fundamental ou com as séries finais? Com o ensino médio? Com um público de universitários? Ou seria o caso de promover a leitura em meio a associações de moradores? A definição da obra se dará, pois, a partir da delimitação do público-alvo. Afinal, plateias distintas exigem obras distintas. Assim, a mediação do ato de ler inicia pela seleção do texto, que deve ser do interesse do leitor ou mesmo necessário às suas ações no âmbito de seu grupo social, além de estar de acordo com seus níveis de leitura, observadas suas características pessoais. Tais cuidados no processo seletivo pressupõem a existência de um mediador com experiência de leitura, cujo conhecimento prévio esteja repleto de informações, adquiridas especialmente por intermédio do acervo do conhecimento acumulado ao longo da história e através do contato e do envolvimento com linguagens veiculadas em diferentes suportes, reveladores de valores, usos, costumes, crenças e que configuram o seu nível cultural baseado nos princípios da universalidade.

c) Selecionado o texto literário, é necessário que se escolham outros suportes, além do livro e relacionados a ele, que possibilitem ao público-alvo a realização de outras leituras. Deve-se atentar para o fato de que as concepções tradicionais de leitura pouco representam em uma atualidade de constante evolução tecnológica. Em um período em que a comunicação e a informação digital são fatores fundamentais nas novas formas de relacionamento humano, em um momento em que a tecnologia da tela fortemente se introduz nos procedimentos sociais, a leitura deve ser observada em conceitos e contextos mais

amplos, assim como o livro deve ser compreendido em sua evolução histórica em meio às novidades da realidade virtual.

Além de contribuir com o processo de identificação de pistas responsáveis pela coerência e pela coesão textuais, construindo uma metodologia de abordagem do texto, o mediador precisa estimular o leitor a estabelecer relações entre as obras e os diferentes contextos nos quais interage, bem como com outros textos já existentes, em uma verdadeira estrutura arquitetônica.

A leitura é um processo de interatividade, implicando a explicitação do modo como o leitor visualiza o mundo, dos valores que subjazem às suas manifestações e do inter-relacionamento entre sujeitos – o sujeito autor, o sujeito mediador, o sujeito leitor – e o próprio texto –, que se torna sujeito também, já que, criado, independe de seu criador. Esse processo de cooperação imprevisível é o momento em que são compartilhados contextos mentais, sentimentos e emoções.

6 Considerações finais

A ausência de uma cultura de leitura reforça a importância da constituição de mediadores entre o texto e o leitor, seja no contexto da biblioteca, seja no contexto da família ou, mesmo, do exercício profissional. É hora de revermos metodologias, abordagens e conceitos. É necessário repensarmos a forma de envolver todas as camadas da população – sejam crianças, jovens, adultos ou idosos – no mundo das leituras, propondo ideias para aproximá-los dos inúmeros textos que compõem a vida e que formam o mundo. É preciso ouvirmos, observarmos, refletirmos, a fim de que possamos reelaborar as condições propícias à formação de leitores críticos, com competências para interagirem com múltiplas linguagens, nos diversos suportes, sejam eles fundados na tradição, sejam introduzidos pelas novidades da tecnologia. Sendo a literatura um dos direitos humanos, é necessário, sobretudo, lermos.

Em uma sociedade cuja educação é constante e lamentavelmente

preterida, quem se propõe a trabalhar com a mediação de leitura deve saber, de antemão, que são imensos os desafios. Conforme Ceccantini (2016, p. 96), “se as políticas públicas dos últimos anos têm acertado no esforço de garantir amplamente o acesso material ao livro literário, falta ainda a contrapartida de investimentos sólidos na formação e atualização dos mediadores (professores, bibliotecários, animadores culturais, etc.)”. Cabe ao Estado, portanto, investir em educação, empenhar-se na formação de mediadores, esforçar-se para uma implementação efetiva do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) e fortalecer o sistema de bibliotecas.

Nesse sentido, a fim da adoção de novas práticas de leitura capazes de ir ao encontro dos leitores, é imprescindível que bibliotecários, professores, educadores e animadores culturais conheçam os caminhos trilhados pela arte literária, a fim de que possam, conscientes dos desafios e das lacunas existentes, tomar atitudes transgressoras nas práticas leitoras peculiares à sociedade do conhecimento e das imposições tecnológicas.

Referências

CANDIDO, Antonio. O Direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**: momentos decisivos, 1750 – 1880. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

CECCANTINI, João Luís. Mentira que Parece Verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. In: FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

ESTABEL, Lizandra Brasil; MORO, Eliane Lourdes da Silva. Biblioteca: espaço de aprendizagem, ação cultural e mediação de leitura. In: AMARAL, Josiane Carolina Soares Ramos do (Org.). **Fundamentos de Apoio Educacional**. Porto Alegre: Penso, 2014.

FAILLA, Zoara. Os Jovens, Leitura e Inclusão. In: AMORIM, Galeno (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial; Instituto Pró-Livro, 2008.

FAILLA, Zoara. Retratos: leituras sobre o comportamento leitor do brasileiro. In: FAILLA, Zoara. (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

LAJOLO, Marisa. Números e Letras no Mundo dos Livros. In: FAILLA, Zoara (Org.). **Retratos da Leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

LÁZARO, André; BEAUCHAMP, Jeanete. A Escola e a Formação de Leitores. In: AMORIM, Galeno (Org.) **Retratos da Leitura no Brasil 4**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró- Livro, 2008.

REYES, Yolanda. **A Casa Imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. Tradução de Elizabeth Guzzo de Almeida. São Paulo: Global, 2010.

SOARES, Magda. A Escolarização da Literatura Infantil e Juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins (Org.); BRANDÃO, Heliana Maria Brina (Org.); MACHADO, Maria Zélia Versiani (Org.). **A Escolarização da Leitura Literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. P. 17-48.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11a. ed. São Paulo: Global: 2003.

UEL e Docente Permanente Externo no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UEL. Vice-Líder do Grupo de Pesquisa Interfaces: Informação e Conhecimento da UEL credenciado ao CNPq. Responsável pela Coluna “Sala de Aula: dia a dia na universidade” publicada no INFOhome. Colaborador da Rede Mediar (<https://redemiardiar.wordpress.com/>). Email: santosneto@uel.br



Lizandra Brasil Estabel – CRB-10/1405

Doutora em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO/UFRGS). Coordenadora e Professora do Curso Técnico em Biblioteconomia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Porto Alegre. Professora no Mestrado Profissional em Informática na Educação (MPIE/IFRS) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação de Educação em Ciências (PPGEC/UFRGS). Vice-líder do Grupo de Pesquisa LEIA (Leitura, Informação e Acessibilidade) da FABICO/UFRGS. Coordenadora do Programa CERLIJ: Leitura, Informação, Acessibilidade e Literatura.



Luciana Sauer Fontana

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul-Campus Porto Alegre. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre em Educação. Especialista em Administração e Estratégia Empresarial. Graduada em Secretariado Executivo Bilíngue. Foi ministrante do Curso de Extensão Mediadores de Leitura na Biodiversidade (UAB/ UFRGS), Conexões de Leitura na Biblioteca Escolar (UFRGS/IFRS) e do Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR/IFRS). É pesquisadora vinculada ao campo da Educação e dos estudos culturais em educação (pedagogias da mídia), mídia (infância), convergência, internet e identidade.